boletim de trabalhadores da educação

A VOZ ROUCA

que não se cala

greve das federais #1

@avozrouca
maio/24

Federais: sim, é hora para fazer greve!

Escapando do discurso de "não é hora para fazer greve", trabalhadores técnico administrativos (TAEs), professores e estudantes das instituições de ensino federais estão paralisados em todo país. Desde 2019, quando ocorreram os protestos contra os cortes na educação, não havia lutas massivas no ensino federal. Agora, devido à defasagem salarial acumulada na última década e aos cortes orçamentários para a educação no ensino público federal, trabalhadores e estudantes se organizam em uma greve que já dura mais de mês.

A greve começou em 11/03 com os TAEs e ganhou adesão dos docentes ao longo de abril – primeiro em poucos institutos, mas cresceu, passando de 50 unidades paralisadas. As negociações dos comandos de greve da FASUBRA, ANDES-SN e SINASEFE com o governo revelam a manutenção da lógica de ajuste neoliberal e de teto de gastos (agora chamado de "novo arcabouço fiscal"), que dominou as gestões anteriores. As disputas resultaram em um reajuste salarial insuficiente (e ausente em 2024) e um recuo em um corte do orçamento na educação.

Não parece que essa greve tenha condições de ir além do que lhe impõe a condução do burocratismo das entidades. Ainda assim, essa greve tem o mérito de ter colocado uma pequena perspectiva de luta após anos de hibernação, em que a esquerda brasileira esteve entregue à perspectiva do mal menor e da gestão da ordem institucional. No chão dos institutos, nossa mobilização tem enfrentado uma oposição antigreve, que junta o peleguismo de esquerda e o negacionismo da direita. Ao mesmo tempo, a greve tem oferecido um espaço para encontros, para voltar a pensar e realizar ações e pequenos enfrentamentos que haviam sido apagados (ou auto reprimidos) como práticas de lutas.

Este boletim busca registrar alguns desses encontros: experiências de enfrentamento aos fura greves, de união entre diferentes setores, de ligação com as lutas dos terceirizados, e outros casos em que a mobilização saiu do script dos sindicatos.

E você, assistiu também a episódios de peleguismo, ameaça, intimidação que gostaria de denunciar? Aconteceu em seu instituto algum momento de solidariedade e ruptura que poderia inspirar lutas em outros lugares?

Envie seu relato e divulgue o boletim entre seus colegas!

Aguardar o bom tempo? Será?

Por um professor universitário em greve

No dia 17 de março saiu no “A terra é redonda” um texto de Marcelo Sevaybricker Moreira, discutindo o cenário de greve de docentes nas universidades federais. O argumento do autor é que “fazer greve agora é inoportuno, ao menos para quem se coloca como um defensor do Estado democrático de direito e da ampliação do bem-estar social no país”.

O texto usa a noção de Kairós para justificar o argumento. Usa sem explicar, o que deixa um ar erudito, mas não extrai todas as consequências desse ponto: Kairós é o momento oportuno em que algo inesperado acontece. Foi recuperado pela teologia medieval para se referir ao “Tempo de Deus”: é o tempo em que nós, reles mortais, não temos agência. Estranha noção de tempo para pensar a política, não? Subjaz aí a ideia que para se fazer política se deve esperar as condições ideais. Política, ao contrário dessa formulação, deveria ser entendida como a capacidade de criar as condições para a construção do horizonte que se almeja.

O argumento do autor gira em torno de um ponto: “Fazer uma greve agora irá inevitavelmente jogar água no moinho da oposição, dado que irá desgastar o governo frente à sociedade brasileira.” O moinho da direita vai muito bem, obrigado. É o moinho da esquerda que está fraco, sem força. O governo concedeu aumento para policiais federais e a PRF (Polícia Rodoviária Federal). O governo já decidiu que não irá construir uma política da memória do golpe de 1964 que completa 60 anos. Então, quem está jogando água no moinho da extrema-direita mesmo?

A universidade pública segue o curso da deterioração (embora acelerado no governo Temer e Bolsonaro, não começou ali). Mesmo no atual “governo democrático” o contingenciamento de recursos já aconteceu. O parco reajuste dado, tido pelo autor do artigo como um sinal de diálogo, não chega nem perto do acumulado de inflação. As bolsas também estão defasadas e minguantes. Relatório do Tesouro Nacional indica que Saúde e Educação perderão até 500 bi de reais em 9 anos. A mesa de diálogo com a categoria já dá indícios de esgotamento com a intransigência do governo.

Seja como for, esse debate que acontece agora revela algo curioso no nosso predicamento político do campo da esquerda. Provavelmente se lembram que ocorreram chamados de greve nas universidades durante o governo Bolsonaro, mas muito rapidamente diziam “isso é o que Bolsonaro quer. Uma greve agora deslegitima a universidade pública”. Agora, repete-se a mesma cantilena: “uma greve é inoportuna, pois deslegitima o governo”. Ao fim e ao cabo, é a luta dos trabalhadores docentes da universidade pública brasileira que termina deslegitimada.

Quem faz o jogo da direita?

Na foto da esquerda, cartazes colados na UFMG dizem "greve agora não" com justificativas como: não é hora de desestabilizar o governo; as negociações estão em andamento etc. À direita, a mesma revindicação no Colégio Pedro II. O conteúdo das faixas não deixa dúvidas... (estava escrito “chora e faz o L”, mas riscaram após serem chamados de bolsonaristas). Abaixo, os mesmos cartazes da primeira imagem, em releitura livre.

UFG: assembleia e cadeiraço

Por estudantes da UFG

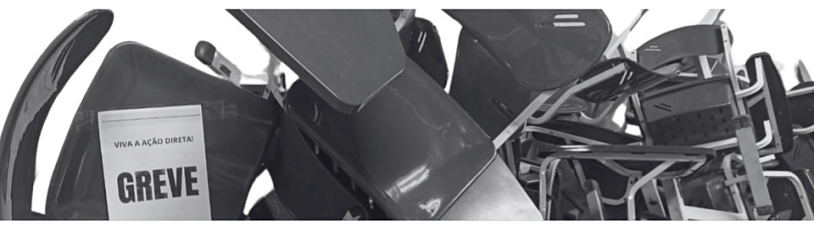
Na Universidade Federal de Goiás, apesar da greve dos TAE e o anúncio da greve professores, o corpo discente das humanidades da UFG estava paralisado até o início de maio. “Paralisado” não por conta de uma greve estudantil, mas porque simplesmente não havia ação coletiva, organizada: somente esperávamos alguma movimentação do DCE e CAs de nossas faculdades.

Paramos de esperar. Em plenária independente realizada no dia 06/05, estudantes das humanidades julgaram necessário se organizar e agir, rompendo com a inação das entidades representativas estudantis, com seu peleguismo e seus interesses eleitoreiros. Dado o início da greve docente no dia 07 de maio, e a informação de que professores pretendiam furar a greve e dar aula (prejudicando não só a luta da categoria, mas também estudantes), parte dos estudantes decidiu fazer algo que tem sido tão difícil quanto raro: agir.

No dia seguinte ao da plenária, retiramos cadeiras de algumas salas de aula da Faculdade de História (onde também acontecem aulas da Filosofia). Algumas dessas cadeiras foram trancadas em uma das salas; outras foram utilizadas para bloquear o acesso a outras salas e a um auditório.

O que nos parece interessante nessa experiência é a maneira como ela rapidamente reverberou: ganhou cobertura na mídia local; suscitou ideia semelhante em estudantes e professores de outras faculdades e institutos da UFG; fez com que parte do corpo docente desistisse de furar a greve; e trouxe para a mobilização das humanidades mais estudantes, que perceberam que era possível e necessário agir, para além das palavras e discursos. Os estudantes das Faculdades de História (FH) e Filosofia (FAFIL) deflagraram greve no dia 10 de maio.

Como se pode ver por esse relato, trata-se de uma ação pequena, simples. Mas essa ação direta ecoou. Na prática, percebemos que a burocratização das entidades representativas estudantis e sua falta de ação têm afastado o corpo discente das lutas, ao passo que a organização horizontal e a ação direta, pelo seu exemplo, mobilizam e geram mais organização horizontal e mais ação direta. O mesmo vale para o caso do corpo docente da UFG, cuja mobilização também tem sido tocada, em grande parte, fora do sindicato dos professores (e, muitas vezes, apesar dele).



UFSCar: organização contra os fura greve

Por estudante da UFScar

No campus de Araras da UFSCar, a gente voltou às aulas em 08/03, com calendário ainda atrasado pela pandemia e a greve dos técnicos. Porém, o DCE não estava puxando nada, o CAs da Agroecologia e Biotecnologia também não, e a Agronomia não tem CA. Mas temos o DA das Licenciaturas, que tinha se desfeito na pandemia, e que retomamos ano passado para discutir os problemas com o transporte muncipal e linhas de ônibus no campus. Esse era o contexto quando o ANDES deflagrou a greve nacional.

Só que os professores do campus falaram: a gente não vai aderir agora, vamos construir a greve com calma e adiar essa discussão para o final do mês. Aí a gente pensou que nós mesmos tínhamos que começar a discutir o que queremos como discentes. Assim chamamos uma primeira assembleia no campus, das Licenciaturas. Foi massa, a gente colocou ideias, o cenário posto, retomamos desde o governo Dilma, relacionando com a crise de 2008, etc. Tivemos uma segunda assembleia, tentando entender o que poderíamos fazer.

A gente incentivou os outros CAs para fazer suas próprias assembleias: o pessoal da Agroecologia marcou uma, mas apareceu uma galera de Engenharia Agronômica falando que deveríamos adiar as decisões para ser mais democrático. O que foi acatado! Na tarde do mesmo dia, retiraram as faixas dos técnicos em greve – suspeita-se que tenha sido esse mesmo grupo de alunos da Engenharia Agronômica, pois na manhã seguinte apareceu com outra faixa dizendo: "Os alunos da Engenharia Agronômica são contra a greve". Recebendo reclamações do pessoal do seu próprio curso, essa galera distribuiu um formulário de assinaturas contra a greve, o que gerou um rechaço contra eles, que os isolou muito. No mesmo dia, tínhamos uma nova assembleia marcada e a todo mundo decidiu tacar fogo na faixa dos fura greves. E foi isso que fizemos.

Quando finalmente chegou a assembleia dos professores que ia definir a entrada na greve, organizamos uma manifestação, enquanto também os estudantes fura greve organizaram do outro lado do prédio um churrasco (financiado por dois professores fura greve) para botar pressão contrária. Porém, reunimos mais gente (mesmo sem churrasco), com cartazes, bateria, gritaria. No final, foi decidid a greve por 216 contra 147 voto, embora os perdedores tenham tentado pautar a "greve intermitente".

Nisso tudo, o DCE já havia saído do seu "imobilismo" e tentou correr atrás, chamou assembleia geral no campus, que deflagrou greve discente – decidindo que mesmo se fosse uma greve intermitente, os estudantes estariam em greve permanente!

Comando local fura greve

Por um professor universitário

Na instituição de ensino onde leciono foi aprovada a adesão à greve do ensino superior. Foi uma assembleia cheia e, por quase 60% de votos, os/as docentes presentes aprovaram a entrada da categoria na greve. Naturalmente, muitos colegas votaram contra a greve. Os argumentos, em geral, baseiam-se no já exposto e comentado anteriormente. Alguns que votaram contra a greve aderiram ao movimento — reconhecendo a legitimidade da assembleia e da decisão coletiva. Outro grupo, no entanto, se mobilizou na constituição de um comando local fura-greve. Com postagens nas redes sociais, dão a entender que furar-greve é ato de resistência. Afinal, protegem o governo contra seus pares.

A mobilização do grupo envolve uma pirueta retórica: “as coisas estão começando a melhorar agora. Vocês que querem a greve nos jogue novamente para um novo governo ao estilo Bolsonaro! Por que não houve greve nos últimos seis anos?” “Por que há greve se existe mesa de negociação?", “Greve é o último dos instrumentos”.

Há, no discurso, uma mistura: de um lado, um radicalismo retrospectivo e ilusório. De outro, um recuo drástico. A retórica melindrosa, no entanto, não esconde seu objetivo: a preocupação hoje, para esse grupo de professores, está em manter o tímido equilíbrio do governo Lula 03. “E quando Bolsonaro vier a público para falar que as universidades não entraram em greve durante seu governo?”. Essa pergunta serve para pacificar conflitos e impossibilitar reivindicações coletivas.

Fato é: muitos professores estão dispostos a furar greve e pacificar esse conflito. Professores universitários muito dificilmente se reconhecem como classe trabalhadora. Sentados no topo da pirâmide de poder universitária, é fácil compreender o reacionarismo que circula: não há um pingo de solidariedade entre professores, técnicos administrativos do ensino e alunos.

A existência de tantos fura-greves não diz de um ato de resistência, em defesa da democracia, mas revela apenas a disposição de muitos professores em permanecer como um condomínio, isolados. Dessa maneira, podem seguir reproduzindo o seu ethos e seu status e protegendo o poder — pois, quiçá, com alguma esperança, pode sobrar alguma coisa a eles.

UFRJ: paralisação dos terceirizados do bandeijão conquista salários atrasados

Por Invisíveis, em 10/04

Os trabalhadores terceirizados da empresa Nutrienergy, que atua no bandejão da UFRJ – Rio de Janeiro, finalmente receberam seu salário depois de um protesto com paralisação nos Restaurantes Universitários do Centro Tecnológico – Fundão, Praia Vermelha e IFCS . Os trabalhadores protestaram após ficar o segundo mês seguido com atraso no pagamento de salário, agravado no caso de abril com o atraso do Vale Alimentação, que já estavam sem receber desde março. Nesse mês, o salário já havia sido pago atrasado e de forma parcelada.

Após os terceirizados dizerem “basta”, foi feita uma campanha de solidariedade por estudantes e alguns técnicos efetivos da universidade – essa campanha conseguiu garantir almoço do dia de segunda (8/4). Com o apoio do protesto barrando o RU, os terceirizados conseguiram receber os salários em atraso na integralidade no mesmo dia e promessa do vale alimentação para todos os que podem receber, no máximo até a terça feira, dia 9/04.

Diante disso, foi possível liberarem os trabalhadores para realizar o atendimento do RU do IFCS no período noturno. O valor que sobrou das doações da campanha de solidariedade foi acordado com os trabalhadores do local de ficar como uma reserva pra apoiar uma futura paralisação caso haja atraso mês que vem ou para apoiar lutas de outros segmentos terceirizados que passem pela mesma situação.

No entanto, um dos terceirizados que participaram da paralisação disse: “A gente foi ver no aplicativo do vale alimentação, que ele vai cair dia 19, mas é só uma recarga. A que a empresa tá devendo para gente, que devia ter pago em Março, não falaram quando vai cair. Aí é complicado né, porque tem gente aqui que consegue pagar uma conta atrasada, por cair o salário, mas tem gente com filho, criança, e não consegue nem comprar um leite. Por falta desse vale.”

Diante disso, a organização dos terceirizados do bandejão continua, contra a falta do vale alimentação.

Acompanhe o movimento dos terceirizados do Rio pela página: @invisiveistrabalhador.

mas, afinal, o que é A VOZ ROUCA?

A Voz Rouca é uma iniciativa autônoma de trabalhadores da educação contra a degradação das condições de trabalho. No contexto das greves das universidades federais, o boletim chega ao “ensino superior” para reunir denúncias e relatos de luta e organização coletiva no dia a dia da greve das Instituições Federais de Ensino Superior, incentivando a auto-organização para além dos sindicatos.

Envie relatos de seu instituto e entre em contato para participar!

@avozrouca
vozrouca@riseup.net
https://avozrouca.org